

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE RAZIA EM *BRICK LANE*, DE MONICA ALI

Nelci Alves Coelho Silvestre

RESUMO: Este artigo analisou a personagem feminina Razia no romance *Brick Lane* (2003), de Monica Ali com o objetivo de verificar de que maneira a personagem é representada nesse romance, tendo em vista sua experiência na comunidade bangladeshiana em Londres, e por se tratar de um romance permeado por características que revelam a tradição cultural de Bangladesh em que as mulheres são consideradas submissas, tuteladas e ingênuas. Os resultados mostram que a subjetividade da personagem é construída a partir da evolução de uma mulher submissa ao marido, para uma mulher viúva, moderna e independente, que assimilou os valores da cultura ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: mulher; objetificação; subjetificação; literatura negra britânica.

ABSTRACT: Razia, a bangladeshi woman who moves to London, is analyzed in the novel *Brick Lane* (2003) by Monica Ali. It is a novel pervaded by characteristics which reveal the cultural traditions of Bangladesh where the women are considered submissive, obedient and naïve. The aim of this article is to verify how the character is represented in the novel and provides her experience in the London Bangladesh community. Results show that the character's subjectivity is built through the evolution of a submissive woman towards a modern and independent widow, who assimilated western cultural values.

Keywords: Woman; Objetification; Subjetification; British Black Literature.

INTRODUÇÃO

A representação feminina tem sido alvo de inúmeros estudos no que se refere ao campo literário. O papel da crítica literária feminista é apontar a desigualdade entre os sexos sob o ponto de vista cultural. Em suma, partindo do fato de que essa desigualdade é fruto de um contexto histórico do patriarcado, no qual a mulher está subordinada aos conceitos que regem o comportamento social, essa desigualdade é um tipo de poder da sociedade, o que a torna passível de transformação.

Tal diferença de hierarquização precisa ser questionada a fim de delimitar a distinção entre os gêneros, visto que na sociedade ainda imperam os conceitos de que os homens são responsáveis pelo sustento do lar, enquanto as mulheres são relegadas ao trabalho doméstico não remunerado.

Nos países islâmicos, a dominação masculina é ainda mais acentuada, uma vez que as mulheres vivem em uma sociedade onde os homens tomam todas as decisões. Elas são pressionadas socialmente ou mesmo oficialmente a vestir roupas tradicionais, ocultando seus corpos e faces. Além disso, a religião permite que elas apanhem de seus maridos, caso sejam consideradas desobedientes.

Com a construção das sociedades multiculturais, no século XV, pela diáspora, as

mulheres são duplamente dominadas e exploradas, uma vez que recebem tratamento diferenciado por parte do homem diaspórico e das pessoas originárias do país para onde migraram. Então, questiona-se: até que ponto a dominação masculina interfere nas escolhas e decisões da mulher diaspórica?

Nesse âmbito, o objetivo deste trabalho é verificar, sob a perspectiva da crítica feminista, de que forma a mulher diaspórica é representada na literatura. Nosso *corpus* de pesquisa é o romance *Brick Lane*, de Monica Ali, escrito em 2003. Para a nossa análise, realizaremos um recorte da personagem feminina Razia, uma bangladeshiana que se mudou para a Inglaterra em busca de melhores condições de vida, tornando-se uma costureira.

Nessa obra, abordam-se as estratégias de outremização relacionadas principalmente ao fato de a personagem ser mulher e membro de uma ex-colônia por meio da tessitura de Monica Ali, escritora britânica negra, nascida em 1967, filha de pai bengalês e mãe inglesa, que imigraram para a Inglaterra em 1971, durante a guerra da independência. Vários contos foram escritos por ela e, após a publicação de seu primeiro romance *Brick Lane*, em janeiro de 2003, ela foi listada pela Revista Granta como uma das melhores romancistas inglesas.

A OUTREMIZAÇÃO

De acordo com Ashcroft et al. (1998), o processo pelo qual o discurso imperial fabrica o outro é chamado de outremização. Tais estratégias vinculam-se diretamente a formação do sujeito. Spivak (1987) apresenta três formas de como se realiza a outremização colonial: a primeira acontece quando há a exploração física do território não-europeu, onde o Outro molda o outro; a segunda ocorre via degradação do nativo, apresentado como selvagem, depravado, mentiroso; a terceira é um hiato entre o europeu (Outro) e o não-europeu (outro). A denominação Outro/outro surgiu da filosofia existencialista de Sartre que define o ser e o outro como uma relação dialógica, não-hierarquizada. Mediante a utilização de um discurso altamente preconceituoso, as metrópoles coloniais conseguiram inferiorizar os colonizados, incutindo neles valores negativos. Consequentemente, eles passaram a imitar o comportamento e as vestimentas dos colonizadores, bem como tentaram se apropriar da língua deles.

A imposição da força física é outro modo de objetificar o colonizado, que, amedrontado pela violência recua, obedece para não perder a vida, para não ser espancado. Assim como no sistema imperial houve uma imposição do colonizador, houve também uma imposição das relações sociais baseadas no gênero. Ao homem cabia a posição central enquanto a mulher era relegada ao papel secundário.

A ideologia do gênero como a desigualdade entre homens e mulheres constitui um problema nas sociedades duplamente invadidas, pois por intermédio da ideologia sexo-gênero e também da ideologia binária entre o europeu e o não-europeu, o colonizador construiu o sujeito colonizado como ser inferior, tornando inferior também a mulher colonizada. O patriarcalismo, nesse viés, materializa a situação da mulher silenciada e submissa, objetificada pelo sistema colonial e patriarcal.

A DIÁSPORA

Para Bonnici (2009), a diáspora é o deslocamento de pessoas, que livre ou forçosamente, migram para outros países, outras regiões. SPIVAK (*apud* BONNICI, 2009, p. XX) distingue duas possibilidades de diáspora: a) a pré-transnacional, responsável pelo deslocamento de milhões de escravos para trabalhar no novo mundo; b) a transnacional, que inclui os trabalhadores do *indentured labour* no século XIX e os deslocamentos contemporâneos.

Segundo Reis (2004), o processo diaspórico contemporâneo é complexo e as razões para sua existência são muitas e interligadas. O período que ele cobre é caracterizado pelo deslocamento e pela fragmentação. Enquanto a diáspora clássica, ou pré-transnacional esteve diretamente associada ao exílio - como no caso dos judeus, dos palestinos e dos africanos - a diáspora transnacional, ou contemporânea, não implica necessariamente quebra definitiva de raízes com a pátria de origem. Esta diáspora está intimamente ligada aos movimentos globalizantes, os quais se intensificaram na última metade do século XX, embora a globalização não seja algo novo.

O exemplo mais óbvio do processo diaspórico pela globalização é dado pela profunda revolução tecnológica que ocorreu na telecomunicação, na tecnologia de informação e nos transportes. Isso facilitou o processo diaspórico, uma vez que permitiu aos imigrantes manter contato com sua terra natal, algo inimaginável no passado. Contemporaneamente, a diáspora é motivada pela procura de emprego, pela oportunidade de estudar ou de viajar para o exterior. Não é, como em outras épocas, uma experiência sempre traumática. Ao contrário, em muitos casos, proporciona ganhos econômicos aos países dos sujeitos diaspóricos.

Entender a diáspora é importante para a análise da emancipação da personagem em questão. Razia é transferida para a Inglaterra juntamente com o esposo e filhos e passam a viver numa comunidade próxima do centro, mas praticamente invisível para os europeus. Sua vida é projetada para ser semelhante à de muitas esposas muçulmanas imigrantes: cuidar dos filhos e do marido. O marido trabalha em dois empregos, mas não consegue sustentar a família, já que envia o dinheiro para sua terra natal. Tal atitude revela o apego às suas origens, a tentativa de preservar a identidade cultural. Por outro lado, a esposa assimila novos costumes que interferem tanto na identidade individual quanto na coletiva, pois aproveita a oportunidade que o país anfitrião oferece a ela e apropria-se da língua do país colonizador, corta os cabelos, troca o sári por vestimentas ocidentais, começa a trabalhar como costureira e lentamente assimila a cultura europeia.

Razia recostou-se com força no sofá e enfiou a mão no bolso da calça. Ela tirou um maço de Silk Cut e um isqueiro descartável. Era uma coisa nova, e a confirmação definitiva para Chanu de que Razia era de origem inferior. Nazneen começou a pensar em purificador de ar e se Chanu estaria de volta antes de a amiga partir. Razia acendeu o cigarro e fios de fumaça cinzenta do seu nariz misturaram-se com fios cinzentos do seu cabelo (ALI, 2004, p. 179-180).

Por meio dessa personagem, notamos a agência do sujeito, recusando-se a manter-se dentro dos limites prescritos pelo patriarcado e buscando por melhores oportunidades econômicas para ela e seus filhos, empregando-se como costureira em uma fábrica, e melhorando as condições de vida de sua família.

O romance apresenta referências constantes ao retorno à terra natal: o marido de Razia, por exemplo, mantém o desejo do retorno, da volta às suas origens e constrói a sua vida na Inglaterra mantendo essa esperança, por isso envia dinheiro para sua terra; Razia, no entanto, tem um conceito mais real de Bangladesh:

Quando seu marido era vivo, quando o apartamento era cheio de lixo, cada libra que sobrava (e muitas que não sobravam) voltava para casa para comprar um novo tijolo para a mesquita nova. Depois que ele morreu, Razia empregou seu dinheiro nos filhos e no apartamento. Ela nunca falou em voltar para casa. – Me diz uma coisa – ela dizia com seu sorriso oblíquo. – Se tudo lá é tão maravilhoso, por que toda aquela gente maluca está tentando conseguir um visto?- E ela pegava o seu novo passaporte britânico e o apertava entre o polegar e o indicador (ALI, 2004, p. 408).

De fato, o desejo de retornar do marido de Razia está relacionado ao seu fracasso no ambiente ocidental. O personagem trabalha em dois empregos, mas não consegue sustentar a família, já que envia tudo o que ganha para sua terra natal. Ele trabalha em uma fábrica de bonecas e dirige caminhões, entregando carnes para os açougues das redondezas. O dinheiro é enviado para o irmão em Bangladesh, a fim de construir uma mesquita, mesmo a família dele passando por necessidades. O fato de enviar dinheiro para a construção da mesquita revela a cultura do bangladeshiano que procura manter sua identidade, por meio da religião. Pelo envio de dinheiro, ele retorna, metaforicamente, para Bangladesh.

Já a esposa Razia mostra-se disposta a recuperar sua subjetividade, assimilando os costumes da nação e lutando para se integrar à sociedade londrina.

MULTICULTURALISMO

Multiculturalismo é a ideia ou crença de sociedades mistas ou culturalmente heterogêneas (HALL, 2006). A migração e o deslocamento dos povos, fenômenos conhecidos como diáspora, foram responsáveis pelas sociedades multiculturais. A migração livre, no caso do romance analisado, levou Razia e sua família para a Inglaterra (metrópole). A Inglaterra, supostamente homogênea culturalmente, recebe a migração da ex-colônia Bangladesh, mas a exclui, pois a concentra numa comunidade e a torna invisível para o restante da sociedade.

A diferença cultural entre a comunidade diaspórica e a cultura dos britânicos projetou a dicotomia Outro/outro, pois não é aceita e causa conflitos. O processo homogeneizante instaurado pela globalização dificulta a aceitação de outra cultura. Assim, a personagem em questão é objetificada pelos britânicos, relegada à invisibilidade e marginalidade.

A habilidade de Razia para adaptar-se ao contexto multicultural é importante

para o romance. “Cidadã britânica. Nada a esconder.” (ALI, 2004, p. 217) “Razia é tão inglesa. Ela está ficando parecida com a própria rainha.” (ALI, 2004, p. 218). No entanto, após o fatídico 11 de setembro, “Razia usou a sua blusa com a bandeira da Inglaterra e cuspiram nela.” (ALI, 2004, p. 350) Tal ação dos britânicos contra Razia simboliza a dominação e a hierarquização. A cultura bangladeshiana foi outremizada em condições de diáspora, constatando a maneira pelo qual o sujeito é vítima do sistema político.

De fato, em contato com a cultura dominante, a cultura bangladeshiana forma um sujeito híbrido, Razia, que convive na sociedade britânica na tentativa de ser aceito. Entretanto, as condições de trabalho como costureira de fábrica, pagamento, moradia e educação evidenciam que ela, uma bangladeshiana é tratada como invasora e, em consequência, é outremizada.

Eles dizem que estão fechando a fábrica por questões de higiene e segurança, mas todo mundo acha que o motivo é outro. As pessoas que foram lá eram da Imigração. Mas eu tenho o meu passaporte. Eu disse que ia levar o meu passaporte mas eles não quiseram saber (ALI, 2004, p. 217).

Diante do exposto, verificamos que o povo bangladeshiano passa por processos de exclusão social e sofre desvantagens na Inglaterra, uma vez que a aceitação da diferença cultural não é um caminho fácil. Nesta linha de raciocínio, observamos que a ideia de sociedade multicultural parece ser um sonho difícil de ser concretizado. Afinal, o sujeito diaspórico só é sujeito dentro de sua comunidade; fora dela, ele é o outro. “A vendedora ficou parada com as mãos nos quadris estreitos. Depois segurou o embrulho e olhou para Razia. Ela já tinha visto aquele tipo de gente antes.” (ALI, 2004, p. 299).

RAZIA: DE OBJETO A SUJEITO

O romance *Brick Lane* é narrado em terceira pessoa, mas no capítulo sete e em outros capítulos do livro há o uso da primeira pessoa. Há vinte e um capítulos, Hasina, irmã mais nova de Nazneen, narra vários episódios por meio de suas cartas. A fábula do romance pode ser dividida em três partes: a primeira ocorre em 1967; a segunda ocorre em 1985 e a terceira, em 2001. A história termina em março de 2002. Ao longo dos capítulos narrados, o leitor conhece a história de Nazneen desde o seu nascimento até seu casamento arranjado, sua vinda para Londres e o nascimento de seus três filhos.

O ano de 1967 refere-se ao nascimento de Nazneen. Filha de Rupban e Hamid, Nazneen é deixada ao destino. Natimorta, ela surpreende a mãe, a tia e a parteira, pois mesmo sem receber tratamento hospitalar, ela retorna à vida. A mãe comete suicídio, o leitor só tem conhecimento desse fato através das cartas de Hasina, muitos capítulos depois e o pai aparece com uma nova mulher, mas a relação não dura muito tempo. Hasina foge com um rapaz para evitar um casamento arranjado e Nazneen (18 anos) aceita seu destino, casando-se com Chanu, 40 anos, num casamento arranjado entre seu pai e o noivo.

Em 1985, Nazneen está em Londres com o marido, numa comunidade conhecida

como *Tower Hamlets*. Nessa comunidade, ela conhece Razia que havia se mudado para o edifício Rosemead, dois andares abaixo da dama tatuada. Razia é casada e tem dois filhos: Tariq e Shefali. Assim que é apresentada, percebemos que aceita o domínio do marido e veste-se de acordo com as tradições de seu país, de sua religião. “Ela cruzou os tornozelos, com as pernas esticadas para a frente. Ajeitou as dobras do sári. As dobras nunca estavam certas: muito juntas, muito soltas, muito para o lado, muito baixas ou muito altas.” (ALI, 2004, p.45)

Se num primeiro momento ela assumiu o papel da submissão, aceitou o silenciamento que lhe foi imposto, no desenrolar da narrativa verificamos uma postura de força, de transformação e de enfrentamento contra a dominação do homem. O marido de Razia trabalhava numa fábrica de bonecas de plástico enquanto ela cuidava da casa e dos filhos ainda pequenos. Logo reparamos a reação da personagem contra a superioridade do dominador, cortando o cabelo:

Eu cortei o cabelo – disse Razia. – Não agüentava mais toda aquela escovação. – Ela passou a mão no cabelo e ajeitou-o em volta do rosto. Ele não chegava nem na altura da boca. Ela adivinhou o que Nazneen estava pensando. – Ele ainda não disse nada. Ele simplesmente olhou assim. – Ela abriu a boca e envesgou os olhos. Sua gargalhada foi como uma panela atirada num chão de ladrilhos (ALI, 2004, p.69).

Essa atitude simboliza o primeiro ato de abandono das tradições asiáticas, do papel passivo, subalterno, imposto à mulher muçulmana na tentativa de resgate da sua identidade e da superação do seu estatuto de objeto.

Essa mesma atitude de subjetividade é evidente quando Razia conta a Nazneen que vai aprender inglês. “Eu tenho que ir porque vou para a escola. Vou aprender inglês.” (ALI, 2004, p. 70). Tal fato revela que ela busca se libertar das amarras que a prendem ao domínio de seu marido, bem como a vontade de deixar para trás a cultura bangladeshiana e, conseqüentemente, a sua própria história a fim de construir sua identidade como sujeito diaspórico.

Chanu tem uma visão depreciativa de Razia e seu marido. “O marido tem um emprego subalterno. Ele não tem instrução. Provavelmente é analfabeto. Talvez saiba assinar o próprio nome. Se não souber, desenha uma cruz. Razia corta o cabelo como se fosse uma vagabunda.” (ALI, 2004, p. 79)

Além do trabalho na fábrica, o marido de Razia dirige caminhões, entregando carnes para os açougues das redondezas. Porém todo o dinheiro é enviado para o irmão em Bangladesh, a fim de construir uma mesquita, fazendo com que a família dele passe por necessidades.

Ele manda tudo de volta. É um avaro de marca maior. É um filho da mãe de um avaro. Quando as crianças precisam de escovas de dente, eu tenho que implorar. Tenho que comprar tudo de segunda mão. Será que ele quer que os filhos dele usem escovas de dente de segunda mão? Eu não posso dar nada para eles. (...) Todo o dinheiro é mandado para casa. Eu não sei quem se encarrega dele. Provavelmente o irmão. E é bem provável que o irmão seja um ladrão miserável. Acho que nunca

mais vamos ver esse dinheiro (ALI, 2004, p. 91).

Essa forma de agir deve-se ao fato de que a Inglaterra era vista como a “terra prometida” em termos de oportunidade econômica, permitindo à comunidade islâmica poupar dinheiro e enviar para seus parentes a fim de investir em terras. No entanto, tal decisão não era bem vista por Razia, que sofria as consequências de tal atitude.

A aspereza com que Razia trata o marido também é uma forma de resistência. “Eu disse na cara dele – Razia continuou – Ou você abre a carteira, seu filho da puta, ou então vai ver só.” (ALI, 2004, p. 92)

Depois de mudar o cabelo e aprender a língua do colonizador, a personagem passa a copiar as vestimentas britânicas, trocando o sári por roupas ocidentais. “Agora que usava calças, ela se sentava como um homem...” (ALI, 2004, p. 117) Além disso, ela conta para Nazneen que vai arrumar um emprego. “Eu vou arranjar um emprego.” (ALI, 2004, p. 92)

A maneira de se vestir, de se comportar, e de agir simbolizam uma crítica aos moldes que lhe foram inferidos. O fato de ela almejar um emprego preocupa Nazneen, que a alerta sobre o que comentam a respeito de Jorina. “... Ela começou a trabalhar e todo mundo disse ‘Ele não é capaz de sustentá-la’. Embora ele estivesse trabalhando, sentiu-se humilhado. E por causa disso, começou a sair com outras mulheres. Então Jorina causou humilhação para todos.” (ALI, 2004, p. 92)

Entretanto, angustiada pela condição de vida imposta pelo marido, a personagem censura-o por construir mesquitas e matar seus próprios filhos. Este resolve tomar uma atitude drástica: deixar a família a bolachas e passas.

O marido dela era mau. Estava ficando pior. Depois de andar pela cozinha, examinando as prateleiras e os armários, ele disse que a mulher era uma dona de casa libertina. Potes demais, latas demais, pacotes demais. Tudo indicava abundância, luxo, desperdício. Ele não daria mais dinheiro até que tudo o que houvesse nas prateleiras fosse consumido. Agora eles estavam limitados a passas e bolachas. Por três dias as crianças só haviam comido bolachas com água e punhados de passas. Isto vai servir de lição para você, o marido disse. Vai ensiná-la a não desperdiçar dinheiro. Tariq voltou da escola. Mas, Shefali está indo nove vezes ao banheiro todo dia. Ela está ficando com vergonha de levantar a mão (ALI, 2004, p. 118).

O marido de Razia é a extensão de uma ideologia dominadora, fazendo com que a mulher cumpra, feliz, a sua tarefa, enquanto ele, o chefe, é responsável pelo sustento da casa e pelo bem-estar da família. “Ele trabalha noite e dia. Me deixa trancada dentro de casa.” (ALI, 2004, p. 117)

Nestas expectativas objetivas está inscrita a divisão de trabalho entre homem e mulher. As relações de poder e força estão bem evidenciadas no marido de Razia, que é caracterizado pela narradora como um homem mau.

Mas o marido de Razia era grande: largo, com braços curtos e grossos como os de um açougueiro e as têmporas côncavas de fúria. Nazneen só

o havia visto poucas vezes. Ele era tão silencioso quanto Razia dizia, mas era um silêncio carregado de tempestade que fazia as crianças se afastarem encolhidas e que tapava a boca até mesmo de Razia (ALI, 2004, p.119).

Concomitante com a necessidade de obter um emprego, o medo também era incisivo: “Se eu arranjar um emprego, ele me mata. Ele me mata delicadamente, com um único golpe. Esse é o tipo de homem que ele é. Passa horas, dias, sem dizer nada, e quando fala, esse é o tipo de conversa que eu ouço.” (ALI, 2004, p. 117)

Observamos também a opressão masculina, por meio da violência, em Shefali, filha do casal, que apanhava do pai. “Pergunte ao seu pai, ela tinha dito a Shefali, pergunte a ele quantos tijolos ele ganhou hoje. Shefali, torcendo o cabelo, disse, Abba, quantos tijolos você ganhou hoje? E acabou caída de costas, e foi chorar baixinho no colo da mãe.” (ALI, 2004, p. 119)

Tal fato revela o patriarcalismo em que a sociedade bangladeshiana está inserida. Razia está confinada pelas circunstâncias, pelas tradições que silenciam e oprimem as mulheres. No entanto, seu estilo contradiz as estruturas tradicionais da sociedade onde ela está inserida, uma vez que ela não aceita isso passivamente, mostrando sinais de mudança e ocidentalização.

Todavia, quando o assunto é casamento, Razia não consegue assimilar a ideia ocidental de um casamento por amor. “Mas Shefali só fará um casamento por amor se passar por cima do meu cadáver.” (ALI, 2004, p. 47). Mais adiante, quando sabe do romance de Nazneen com Karim, essa visão é reafirmada: “Chama-se *apaixonada* não? – disse Razia.” (grifo da autora), (ALI, 2004, p.408) “Razia girou seus ombros ossudos. Ela estava cansada. Até seus ombros estavam pesados demais para ela hoje – *apaixonada* – ela disse. – É o estilo ocidental.” (ALI, 2004, p.409)

Após a internação de Raqib, primeiro filho de Nazneen e Chanu, Razia, em uma de suas visitas, conta que o marido havia falecido no matadouro onde trabalhava, vítima de um acidente: “Dezessete vacas congeladas. Todas por cima dele. – Ela olhou para Nazneen. Sua boca tremeu. – Foi assim que terminou – ela acrescentou. – E a mesquita ainda nem foi construída.” (ALI, 2004, p. 133)

É importante notar que as tradições têm um papel importante nas famílias de imigrantes, as quais apresentam homens e mulheres em diferentes papéis e tarefas. Razia só começa a ganhar dinheiro depois que o marido morre: “Razia suspirou. – Agora eu posso arranjar aquele emprego. Não tem mais nenhum carneiro para me matar.” (ALI, 2004, p. 133) A partir desse momento, Razia assume sua condição de sujeito, passando a lutar pela sua sobrevivência e de seus filhos.

Após a morte do marido de Razia seguida pela morte do filho de Nazneen, inicia-se a terceira parte do romance, que retrata a emancipação individual das personagens, a nova geração de sujeitos diaspóricos: Shahana e Bibi, filhas da protagonista; a relação extraconjugal de Nazneen com Karim; o envolvimento de Tariq, filho de Razia, com as drogas; o terrorismo de 11 de setembro nos Estados Unidos; a assimilação crescente da cultura europeia pelas mulheres e o retorno de Chanu e Karim a Bangladesh.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, constatamos que o recorte analisado apresenta uma visão crítica sobre a repressão feminina diante dos aspectos da ideologia dominante. A partir da opressão exercida pelo marido, verificamos que a personagem utiliza-se de estratégias de resistência na busca pela subjetificação.

A personagem Razia figura bem a mulher imigrante que sente que o outro país, pode proporcionar-lhe uma vida promissora. Em sua terra natal, Razia ocupava uma posição social de subalterna, visto que o patriarcalismo era responsável pelas regras. Porém, com a chegada na Inglaterra, recusa-se a participar do sistema que a oprimia, no qual o homem é o núcleo, o detentor do poder. Então ela luta para conquistar sua alteridade.

A crítica é apresentada por meio da posição social da mulher bangladeshiana, que reavalia sua posição de mulher numa sociedade patriarcal e, como sujeito diaspórico, aproveita para libertar-se completamente do opressor, resgatando sua identidade. No que se refere à outremização pela qual passa na Inglaterra devido ao fato de não ser cidadã britânica, como gostava de se denominar, sua subjetividade supera a marginalização. É em decorrência do que houve em 11 de setembro nos Estados Unidos que notamos a exclusão de Razia e de outros membros da comunidade muçulmana. “Mas Razia não era do tipo que se curva.” (ALI, 2004, p. 341)

Razia demonstra que é sujeito, mostrando firmeza e caráter mesmo quando descobre o envolvimento do filho com as drogas. Ela resiste à exclusão, questionando os ingleses. “Veja quanto estes ingleses estão pagando por seu kameez. E ao mesmo tempo eles me olham com desprezo. Estão dispostos até cuspir na própria bandeira desde que eu esteja dentro dela. Qual é o problema deles? Qual é o problema?” (ALI, 2003, p.377). A bangladeshiana não desiste e monta sua própria facção. Ela parece não permitir que as portas do país anfitrião se fechem para ela e suas amigas, consideradas inferiores, insignificantes, e segue seu caminho, lutando para tirar o filho das drogas. A personagem passa a exercer o papel de empresária, tentando romper as barreiras que a separavam das oportunidades ofertadas pelo país promissor.

Podemos concluir que as estratégias de resistência ao patriarcado e ao colonialismo e as suas influências na formação de uma sociedade podem ser o caminho para a constituição da identidade feminina.

REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, B. et al. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge, 1998.
ALI, Monica. *Um lugar chamado Brick Lane*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
ALI, Monica. *Brick Lane*. New York: Scribner International, 2003.
BHABHA, H. K. A Questão do ‘Outro’: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
BONNICI, Thomas. *Teoria e Crítica Literária Feministas: Conceitos e Tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
BONNICI, Thomas et al. *Resistência e Intervenção nas literaturas pós-coloniais*.

- Maringá: Eduem, 2009.
- BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- REIS, Michele. Theorizing Diaspora: Perspectives on “Classical” and “Contemporary” Diaspora. *International Migration*, Oxford, Main Street Malden, v. 42 (2). Blackwell, p.41-54, 2004.
- SAID, Edward W. *Orientalismo O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: Edusc, 1999.
- SPIVAK, G. C. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In *In Other Worlds*. New York: Methuen, 1987, (p. 215-219)
- ZOLIN, L. O. Crítica Feminista. In BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). *Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá, Eduem, 2009.